

REVISTA WOW

EDIÇÃO 10 DE MAIO 2021

DIA DAS MÃES



Claudia Maria Oliveira, Bruna Silva e Irone Santiago contam suas trajetórias no Movimento de Mães da Maré e são homenageadas pelo Festival WOW

UMA PRODUÇÃO REDES DA MARÉ

FESTIVAL WOW RIO | FESTIVAL MULHERES DO MUNDO.COM.BR



Amores de mães da Maré

As amigas Bruna da Silva, Irone Santiago e Cláudia Maria posaram pela primeira vez para uma revista e contaram como é ser mãe no maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro, a Maré.

Às sete da manhã da última quarta-feira (5 de maio), três mães da Maré estavam devidamente testadas e se preparavam para brilhar no primeiro ensaio fotográfico da vida delas para uma revista. No Dia das Mães, o Festival WOW Mulheres do Mundo convidou o trio Bruna, Irone e Cláudia para um bate-papo sobre a vida, família e maternidade. Vale lembrar que o mês de maio é marcado, também, pelo Dia Internacional das Mães Vítimas de Violência do Estado.

O que elas têm em comum além do amor incondicional pelos seus filhos? A dor, a luta e a militância. As três tiveram as balas e a violência institucionalizada do Rio de Janeiro atravessadas na vida de Marcos Vinicius da Silva, Jhonson Vinicius Ferreira Guimarães e Vitor Santiago. Estreando a capa da primeira edição da revista WOW, elas contam como é ser mãe na favela, os desafios, os medos, as dificuldades e os sonhos - mesmo aqueles que foram interrompidos.

Todos os dias ao acordar é sagrado: Bruna chama a filha Maria Vitória da Silva, de 15 anos, para a cama dela. Ali, elas esticam um pouco mais o sono e depois levantam para o café da manhã, que é preparado pelo pai. Depois do ritual, estão prontas para começar mais um dia na Maré. Bruna da Silva, 39 anos, é tecedora articuladora de território e atuante no eixo de segurança pública e acesso à justiça pelas Redes da Maré, mãe de Maria Vitória Silva e de Marcos Vinicius da Silva, de 14 anos.

Hoje, usa sua voz na Redes e fora dela para fazer justiça ao filho Marcos Vinicius, morto durante uma operação da Polícia Civil com o apoio das Forças Armadas no Complexo da Maré, em junho de 2018. Ele estava com uniforme da escola quando foi baleado e não resistiu.

À reportagem, Bruna conta que nunca imaginou ter um filho morto numa operação policial. *“Meu filho me perguntou: “mãe, pelo amor de Deus, mãe, o que eu fiz pra polícia? Eles não me viram com roupa e material de escola? A polícia tá maluca?” O estado deveria proteger e abrigar o Marcos. A gente, mãe de favela, conversa muito com os nossos filhos: filho, cuidado, anda com telefone na mão, não abaixa o volume pra nada porque num momento desse sua mãe precisa ligar pra você, a gente precisa saber onde você tá, como é que vai ser. Porque do nada entra a*



BRUNA SILVA

polícia e começa uma operação. É como se eles tivessem uma tática de guerra pra sobreviver aqui dentro, disse”.

A violência policial não interrompeu os sonhos de só um filho de Bruna. Maria Vitória, a mais nova, queria ser policial civil quando perdeu o irmão, mas desistiu. *“Mãe, você lembra o que eu queria ser? Mas não vou querer mais.”* Segundo Bruna, a filha achava bonito o trabalho. *“Hoje minha filha está privada de sair não só pela Covid, mas porque eu tenho medo do barulho de arma de fogo. Hoje em dia a gente pede um lanche, o lanche vem em casa pra ela não ter que sair pra comprar. A qualquer momento o tiro começa, o helicóptero passa.”*

Para Bruna não é fácil ser mãe na favela. *“Você cria seus filhos, você oferece estudo, você trabalha pra dar o melhor pros seus filhos e a violência armada pega num filho seu e você se pergunta: a gente tava fazendo tudo certinho, o que foi que eu fiz, onde que eu errei? E você vê que não errou, que ser mãe na favela, é ser julgada, discriminada, parece que somos fábricas de marginais.”* Mesmo com tantos desafios, para Bruna o amor de uma mãe é inabalável:

“ O amor de mãe é de uma força estranha. Acho que mãe é sagrada. Nossos filhos precisavam ser blindados. A nossa família deveria ser blindada. Marcos Vinicius foi meu primeiro amor e quem me ensinou a ser hoje uma boa mãe pra Maria Vitória. Se hoje eu sou uma boa mãe pra minha filha é porque eu treinei isso com o irmão dela e ela sabe. Eu tenho minha filha Maria Vitória aqui comigo, tenho o Marcos Vinicius no céu brilhando comigo. ”

BRUNA SILVA

O olhar penetrante e determinado de outra tecedora da Redes da Maré, Irone Maria Santiago, não deixa dúvidas de que ela não está para brincadeira. Nos planos futuros: voltar a estudar, fazer Serviço Social e escrever um livro. Hoje, com 56 anos e há 53 morando na Vila do Pinheiro, Irone acredita na militância e na luta para seguir fazendo justiça pelo seu filho. Vitor Santiago, na época com 32 anos, ficou paraplégico após uma bala de fuzil disparada por um cabo do Exército atingir sua perna esquerda, que teve que ser amputada.

Outra bala atingiu sua coluna e o deixou paraplégico. O fato aconteceu em fevereiro de 2015, quando Vitor voltava para casa do Carnaval, como explica Irone Santiago. *“São seis anos na luta, na militância. Venho lutando por justiça pelo meu filho, como todos sabem, e tenho visto que nosso trabalho é de formiguinha, mas é um trabalho que tem dado resultado. Enfrentei muita coisa para dar voz a Vitor. A gente teve audiência, Vitor ganhou na justiça, mas o que revolta é você ganhar e saber que eles recorrem. Passei quatro meses com ele dentro de um hospital”,* conta.

Em 2018, Irone Santiago teve dois aneurismas – três anos depois de Vitor ficar paraplégico. Ela precisou operar a cabeça e depois de sete meses descobriu um outro aneurisma bilateral e continua na luta. *“Aprendi muita coisa. Tenho um sonho de voltar a estudar e fazer Serviço Social. Consigo me ver com uma mulher mais bonita, que tá se cuidando, tá se amando, se reconhecendo. A vida mudou muito, aprendi muito. Você pode fazer tudo, ter seus estudos, ter tudo, claro que estudo é muito*



IRONE MARIA SANTIAGO

importante, mas vou te dizer, a experiência que eu tenho, a vivência que eu tenho não se aprende na faculdade. Vou unir uma coisa com a outra: a minha experiência com um estudo. O meu sonho é escrever um livro sobre a minha história de vida na Maré, sobre essas questões de tudo que eu passei e sobre a gente estar fazendo uma imersão”, diz.

“ Quero escrever um livro. O meu sonho é escrever um livro sobre a minha história de vida na Maré, sobre essas questões de tudo que eu passei e sobre a gente estar fazendo uma imersão. ”

IRONE MARIA SANTIAGO

Irone Santiago, Bruna da Silva e Cláudia Maria também fazem parte do grupo das mães da Maré. O grupo reúne mães que tiveram seus filhos vitimados pela violência policial do Rio de Janeiro. Além de viagens pelo Brasil (antes da pandemia) para conhecer outras histórias como a delas e se unirem em prol de justiça, elas se comunicam diariamente por grupos de WhatsApp, se fortalecendo e apoiando uma a outra.

Um dos desejos de Irone é que as mulheres que foram violadas saiam de suas cascas e venham para a luta. *“O conselho que eu dou pra essas mulheres é que não se calem, lutem. Lutem. Quantos mais vão precisar morrer pra essa guerra acabar? Meu maior sonho é que os casos sejam solucionados, que o Estado pare de matar, que as pessoas da Maré sejam vistas como seres humanos. A gente luta pela vida dentro da favela. Hoje, eu vejo as Redes da Maré por conta dessa nossa luta. A minha luta é que casos como os meus sejam solucionados. Não adianta o juiz bater o martelo e não ser respeitado. Meu filho paga aluguel, precisa de uma casa adaptada. Eu detesto essa palavra indenização. Eu falo de reparação. Eles têm que reparar o que foi feito ao meu filho, porque meu filho está vivo. Eu também sou a voz dele”, disse.*

Nas horas vagas, Cláudia Maria, de 47 anos, aproveita para relaxar em Cabo Frio, a 150 quilômetros do Rio de Janeiro. É casada, mãe de dois filhos e avó de dois netos. A infância difícil fez com que a organizadora de ambientes aprendesse a se virar desde muito jovem. Morou na Vila Kennedy com a família quando criança e dizia que quando crescesse gostaria de ter um casal de filhos.

O sonho de mãe se concretizou, mas foi interrompido no dia 9 de novembro de 2018, quando Jhonson Vinicius Ferreira Guimarães, na época com 28 anos, perdeu a vida. Moradora da Nova Holanda, Cláudia Maria disse nunca imaginar que essa tragédia fosse acontecer com ela. Quando ouviu os tiros da chacina que vitimou seu filho no dia 6 de novembro de 2018, ela conta que tinha chegado cansada do trabalho, pois era o dia que trabalhava em duas casas. *“Escutei os tiros e daqui a pouco veio a correria, mas não me preocupei, fiquei na minha e só orei: meu Deus, guarda minha família”, recorda.*

A notícia mais temida veio minutos depois. Em seguida, desespero, injustiça e a perda do filho mais velho. Quase três anos depois da morte de Jhonson, Cláudia, também mãe de Maíra Oliveira de Souza, de 30 anos, cuida de um câncer no útero. *“É devido a tristeza que você carrega. É muito chato saber que você paga pra morrer. Eu trabalho desde que me conheço como gente. Comecei a trabalhar muito cedo e ensinei aos*



CLAUDIA MARIA OLIVEIRA

meus filhos o caminho correto que eles tinham que criar”, diz.

“ Meu menino era muito família, muito bom, um menino de respeitar todo mundo, muito inteligente, queria ser advogado, era skatista, cantava rap. Só não teve a oportunidade de ir pra fora, de ser conhecido. Fazia grafite, era um menino bonito, devia ter sido modelo e foi uma vida perdida. ”

CLAUDIA MARIA OLIVEIRA

Quando pensa em sonhos, Claudia Maria deseja uma vida diferente para os meninos da Maré. *“A gente sabe que tem muita gente que tá aqui que precisa de uma amparo. Tem muita gente que tem medo de sair, de tirar um documento para conseguir um emprego. A minha visão era trazer um órgão pra cá que pudesse ajudar eles a tirar um documento e arrumar padrinhos, empresas que investisse neles com emprego. Vejo que perdi um filho e meu neto (filho de Jhonson, de 9 anos) ficou desamparado. Tô louca pra colocar meu neto num colégio particular. Meu filho não é o único que morreu, não será o primeiro, não será o último, muito pelo contrário, agora deve tá morrendo um em algum lugar por aí vítima da violência”, afirma.*

Por fim, a reportagem pergunta o que é ser mãe para Claudia: *“Mãe tem vários significados mas pra mim. Ser mãe é cuidar, proteger, ensinar, educar, e guardar eles. Passar amor, passar carinho, passar conhecimento. Eu gostaria de ver minha neta e meu neto formado”, finaliza.*





FICHA TÉCNICA :: REVISTA WOW

Curadoria **Eliana Sousa Silva**

Coordenação de projeto **Geisa Lino e Maíra Gabriel**

Coordenação de produção **Geisa Lino**

Produção **Bia Policicchio**

Assistência de Produção **Carlos Marra**

Reportagem **Amanda Célio**

Diagramação **Bruna Montuori**

Fotografia **Dayana Sabany**

Assistente de fotografia e making of **Douglas Lopes**

Assistente de fotografia **Gabi Lino**

Beleza **Jennifer Ayallem e Taiane Lima**

Figurino **Farm**

Acessórios **Julia Gastin**

Iluminação **Boca do Trombone**

Alimentação **Bar Amparo**

Realização

redes
da
mãe

